

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL

ASSIS BRASIL: O EMBAIXADOR DO CAMPO

BORBA, Jairo Eduardo Alves de*
RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz**

Resumo

Este artigo é o resultado de pesquisas realizadas em bibliografias sobre aspectos da trajetória de vida, pensamento e ações de Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938) abordando episódios relacionados à sua atuação como político, diplomata e agricultor. Buscando identificar e analisar os principais elementos que compunham suas ideias, narrativas discursivas e posicionamentos práticos adotados e consolidados ao longo de sua existência, que perpassou o império e a república brasileira.

Palavras-chave: História. Política. Agricultura. República.

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste de uma análise de trechos da trajetória de vida de Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938), gaúcho de São Gabriel, que esteve envolvido em diversos momentos importantes da história do Rio Grande do Sul e do Brasil, durante o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

A escolha em pesquisar aspectos relacionados a um personagem histórico rio-grandense se deve basicamente ao fato dele ter surgido como uma jovem liderança em meio à propaganda republicana em curso no final do império brasileiro e a despeito do domínio crescente do positivismo nos meios intelectuais e políticos do nosso estado, ele permaneceu fiel aos seus ideais liberais e democráticos, avesso à doutrina positivista.

Além disso, a par de sua atuação destacada e reconhecida no âmbito da política, merece menção e pesquisa mais aprofundada o seu “apostolado” em defesa da valorização do campo e do progresso da agricultura como prática e estilo de vida. Reafirmando-a

* Licenciatura Plena em História – ULBRA (1991-1995), Especialização em Educação Integral – UFRGS (2012-2013). O artigo é o resultado do Curso de Especialização em História do Rio Grande do Sul na UNISINOS.

** Graduada em História – UNISINOS (1978), Mestrado em História – UFRGS (1990) e Doutorado em História – UFRGS (2000). Orientadora do Curso de Especialização em História do Rio Grande do Sul na UNISINOS.

categoricamente como meio de sustento digno e rentável para uma considerável parcela da população do estado e do país.

Em busca de conhecer mais elementos relacionados ao Assis Brasil agricultor, torna-se inevitável o encontro com o político, pois estas duas facetas deste cidadão se cruzam e se mantêm entrelaçadas ao longo de sua vida, tanto em aspectos públicos como nas questões privadas.

A ênfase na sustentação dos elementos e doutrinas que ele considerava fundamentais para a consolidação da república brasileira esteve acompanhada da preocupação em sistematizar e divulgar ao maior número de agricultores e pecuaristas os avanços da ciência da sua época e as novidades tecnológicas relacionadas a técnicas de plantio, adubagem, correção de solo, melhoramentos na produtividade e no próprio manejo das raças desenvolvidas em nosso estado, além da introdução de novas matrizes e reprodutores.

Desta forma, buscando abarcar itens de ambos os temas, na primeira parte deste trabalho irei abordar resumidamente alguns aspectos do contexto histórico rio-grandense do final do Império e durante a República Velha, além da própria estruturação da carreira política de Assis Brasil.

Em um segundo momento o texto tratará de elencar contribuições específicas do personagem estudado para a agropecuária gaúcha e brasileira.

Finalmente, nas considerações finais estarei relacionando algumas ideias de Assis Brasil que ainda encontram ressonância na atualidade, além de analisar aspectos de seu legado histórico e propositivo que merecem questionamentos e críticas ou mesmo complementação com base no decorrer do tempo e de bibliografias contemporâneas.

1 O CAMPO DO EMBAIXADOR

“Proclamamos a república, mas ainda não a fizemos.”

(Assis Brasil)

No interior do Rio Grande do Sul do século XIX já estavam estruturadas as estâncias e as poderosas oligarquias rurais que controlavam estes imensos latifúndios característicos do pampa. Nestas fazendas onde predominava a pecuária extensiva emergiu um tipo de liderança política e militar centrada na figura do caudilho, a qual estava alicerçada numa hierarquia de mando. O topo desta estrutura poderia ser o comando de um antigo “coronel” da Guarda

Nacional e ou mesmo de um patriarca, chefe de um numeroso clã familiar e político que continha desde parentes até “agregados”, peões e fiéis “colaboradores”. Este chefe exercia sua forte autoridade em âmbito local e tinha seus domínios avançando deste o campo até os florescentes vilarejos e cidades próximas.

Os herdeiros políticos e patrimoniais destes chefes frequentavam escolas rio-grandenses e na sequência geralmente passavam a receber instrução ilustrada nas Faculdades de Direito do centro do país. De onde vinham com forte conhecimento das leis vigentes na nação e afeitos ao uso poderoso da retórica e da oratória, pronunciando postulações filosóficas do momento e demonstrando muita aptidão para enunciar princípios democráticos, mais do que para praticá-los.

Estas lideranças forjadas no pampa, acostumadas as lides do campo e ao histórico dos inúmeros conflitos com os vizinhos platinos, não titubeavam em pegar em armas para fazer valer suas ideias e interesses.

Neste contexto, um menino, descendente de açorianos, chamado Joaquim Francisco de Assis Brasil, nascido em 29 de julho de 1857, no município de São Gabriel, cresceu e se tornou homem. Entre seus contemporâneos estavam indivíduos como Júlio de Castilhos (seu cunhado), Gaspar Silveira Martins, Firmino de Paula, Gumercindo Saraiva, Joca Tavares e tantos outros que protagonizaram enfrentamentos como a sangrenta Revolução Federalista¹.

No caso de Júlio de Castilhos (1860-1903) o contato com a filosofia positivista de Augusto Comte² solidificou seu autoritarismo latente e mesmo os laços de parentesco e afinidades com Assis Brasil, (ambos se formaram em Direito, na Faculdade do Largo de São Francisco em São Paulo, foram propagandistas da República e fundadores do PRR - Partido Republicano Rio-grandense, em 1882) não foram suficientes para evitar o antagonismo e o afastamento crescente entre ambos.

O distanciamento iniciou no campo teórico, pois Assis Brasil, liberal convicto, nunca mostrou simpatia pelas ideias de Comte. Já Júlio de Castilhos passou a estudar e difundir tais pressupostos, pois esta doutrina autoritária ajustou-se como uma luva as sua personalidade e ambições pessoais. Do ponto de vista de ações práticas, já na eleição de Deodoro da Fonseca, ocorrida em 25/02/1891, Assis Brasil, então Deputado Constituinte, do PRR, em desacordo

¹ Revolução Federalista (1893-95) conflito entre os legalistas republicanos (pica-paus) e os federalistas (maragatos) que ceifou mais de dez mil vidas no Estado, não somente em batalhas fratricidas como em costumes cruéis e abjetos como a “gravata colorada”, nome dado a degola aplicada indiscriminadamente sobre os inimigos no período.

² Para Comte as eleições e outras práticas democráticas não eram fundamentais ou necessárias ao “progresso” de um país, mas sim a manutenção da “ordem” e a efetivação de uma “ditadura científica”, uma espécie de governo autocrático de sábios capazes de conduzir o povo ao seu destino glorioso.

com as orientações partidárias de seu líder (Castilhos) juntamente com mais três dissidentes³ gaúchos, decidiu votar em Prudente de Moraes e renunciou ao mandato.

A partir do pensamento positivista, Júlio de Castilhos avançou para a consolidação de um regime original e despótico denominado posteriormente de “Castilhismo”. Esta “ditadura” dominou o Estado por aproximadamente quatro décadas alicerçada nas práticas reiteradas da fraude eleitoral, da perseguição e eliminação dos adversários e inimigos políticos. Tudo isto amparado por uma Constituição redigida e outorgada por Castilhos em 14 de julho de 1891, (fato que resultou no rompimento definitivo com Assis Brasil, que se tornou dissidente entre os republicanos e seu ferrenho opositor). Neste mesmo ano, Castilhos, que era aliado de Deodoro da Fonseca em nível nacional, ficou fragilizado politicamente, a partir do momento em que este ordenou o fechamento do Congresso em 03/11/1891. Assis Brasil, desde o primeiro momento, foi contra o golpe perpetrado por Deodoro e tentou organizar, três dias depois, um comício em Porto Alegre contrário ao Presidente, mas o ato acabou sendo proibido por Castilhos.

Júlio de Castilhos, que inicialmente mostrou-se relutante, quando se pronunciou favoravelmente ao golpe de Deodoro, foi forçado a renunciar em 12/11/1891 devido a forte pressão popular e a oposição política que já incluía vários de seus antigos aliados como o próprio Assis Brasil. Este foi o começo do conturbado período da história política gaúcha que ficou conhecido pelo apelido dado por Castilhos: “Governicho”⁴, que teve início com uma junta governativa provisória composta por Assis Brasil, Barros Cassal e Manuel Luiz da Rocha Osório a qual esteve a frente do governo rio-grandense por poucos dias, pois em 18 de novembro Assis Brasil e Barros Cassal renunciaram ao poder em favor do General Barreto Leite.

Na sequência dos acontecimentos, devido a uma revolta na Armada, no Rio de Janeiro e a outros fatores políticos e econômicos, Deodoro também acabou renunciando em 23/11/1891 e o Marechal Floriano Peixoto assumiu o governo do país.

No final deste ano de 1891, no dia 19 de dezembro, Assis Brasil lança um “manifesto”, intitulado: “Aos meus concidadãos”, onde procura explicar as razões de sua

³ Os outros deputados do PRR que não votaram em Deodoro da Fonseca na ocasião foram: Manuel Luiz da Rocha Osório, Alcides Lima e Vitorino Monteiro.

⁴ “Governicho” foi o período em que Júlio de Castilhos, após a sua renúncia, afirmou ter entregue o governo “à anarquia das ruas”, pois várias juntas governativas e governantes provisórios se sucederam no poder do Rio Grande do Sul, até 17 de junho de 1892. Ocasão em que, por um contra golpe com apoio de Floriano Peixoto, Castilhos reassumiu o governo e o passou imediatamente a Vitorino Monteiro e este a Fernando Abott, que por sua vez junto com Castilhos organizou a eleição deste em 25/01/1893 e sua posse no dia seguinte. Fato que detonou o início da sangrenta Revolução Federalista a partir do mês de fevereiro daquele ano.

dissidência e afastamento do PRR. Do livro de Paulo Brossard sobre a vida política de Assis Brasil, retiramos a seguinte transcrição de trechos do "manifesto":

“Esses desnorteados procuram ferir o homem e o cidadão; murmuram que fui traidor a amigos, ou a um dos meus amigos, e espalham que abandonei o meu partido para por-me a frente de uma coligação” (BROSSARD, 1989, p.43).

Ainda no mesmo documento, Assis Brasil se expressa da seguinte forma com relação ao seu repúdio ao positivismo:

[...] é preciso ter a gente alguma coragem para dizer que não é positivista, por tal modo o espírito da seita, servido pela ignorância fanática, costuma tratar mal aos que assim se pronunciam. Pois bem, apesar de tudo, eu direi que não sou positivista. [...] o que a observação e a experiência nos mostram é que a opinião do Rio Grande, como a de todo o país reclamam, senão perpetuamente, por enquanto, ao menos um governo democrático, e não ditatorial (BROSSARD, 1989, p.43).

Para Brossard neste manifesto de Assis Brasil “está o risco de toda a sua futura e acidentada vida pública”. Assim sendo, a partir deste momento ele irá conviver com os custos de ter optado por se tornar um republicano dissidente em meio ao domínio hegemônico do PRR e do positivismo de Castilhos no Rio Grande do Sul.

Logo em seguida, em janeiro de 1892, a vida de Assis Brasil toma novos rumos, pois Floriano Peixoto o nomeia “Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário na Argentina”, dando início a sua longa carreira diplomática. Também passa a se destacar como escritor e doutrinador político, sendo que em 1893 publica o livro: “Democracia Representativa. Do voto e da maneira de votar”. Nesta mesma época é nomeado em missão especial para a China. Com a guerra sino-japonesa, (1894-1895) ocorre a interrupção desta viagem e em 1894, adquire no Oriente três garanhões árabes “que enobreceram sua criação no Rio Grande do Sul”.

No ano seguinte (1895) é designado para atuar em Lisboa, na qualidade de “Embaixador Extraordinário e Ministro Plenipotenciário de 1ª classe”. Também neste período participa em Paris, da fundação da “Sociedade Brasileira para Animação da Agricultura”, sendo eleito o seu primeiro presidente. Em viagem a Grã-Bretanha acaba adquirindo as suas primeiras vacas da raça Jersey, de criadores locais, com vistas a aprimorar seu rebanho em solo gaúcho. Em seguida ocorre o falecimento de sua esposa, Dona Maria Cecília, (irmã de Júlio de Castilhos) com quem era casado desde 1885.

No ano de 1896 publica em Lisboa o livro “Do governo Presidencial na República Brasileira”, onde discorre sobre as características deste sistema de governo, fazendo a defesa de um modelo mais “brando”.

O ano de 1898 marca a nomeação de Assis Brasil, para atuar a frente da legação brasileira em Washington, além da publicação, ainda em Lisboa, de seu famoso livro “Cultura dos Campos” (que apresenta suas principais ideias sobre a agricultura) e seu segundo casamento com a senhora Lydia Pereira Felício de São Mamede, com quem teve oito filhos. Já residindo nos Estados Unidos, Assis Brasil participa em 1900, como observador na Exposição Internacional de Chicago, da qual faz relatório minucioso ao Itamaraty, com referência as raças e animais lá expostos, fazendo extensos comentários e sugestões sobre o que viu no evento.

Em abril de 1902, Assis Brasil é nomeado embaixador no México e no fim deste ano Brossard cita que ele enviou uma carta de Chicago ao amigo José Joaquim de Oliveira, onde comunica o seu desejo de voltar ao Rio Grande do Sul e fundar uma estância segundo a sua concepção de agricultura, documentando desta forma o “embrião” da criação da sua ousada e visionária “Granja de Pedras Altas”.

Entre os anos de 1902 e 1903, Assis Brasil envolve-se juntamente com o Barão do Rio Branco e Rui Barbosa na negociação com a Bolívia no que se refere à anexação do território do Acre, que culmina com a assinatura do Tratado de Petrópolis, ocorrida em 17/11/1903. Em outubro deste mesmo ano morre prematuramente, aos 43 anos de idade, Júlio de Castilhos, o líder máximo do positivismo gaúcho e Borges de Medeiros, que já “governava” o Estado desde 1898, assume realmente o comando do PRR e se mantém no poder praticamente até 1928, apenas com o interregno do período de 1908 a 1913, quando nomeia seu sucessor o médico e político Carlos Barbosa Gonçalves.

No campo da oposição representada basicamente pelo Partido Federalista (fundado em 1892) e republicanos dissidentes, também ocorreram mudanças, pois este já havia perdido o seu grande líder Gaspar Silveira Martins, falecido no exílio uruguaio em 1901, mas mesmo assim permanecia descontente e combativa.

Assis Brasil em seu retorno ao Estado, compra em 1904 um campo no município de Cacimbinhas (depois denominado Pinheiro Machado, em 1915 e atualmente Pedras Altas, a partir da emancipação da área em 1996) visando à construção de sua granja modelo de Pedras Altas. Paralelamente participa, além de atividades políticas, daquelas ligadas a agricultura tais como palestras sobre arados em Pelotas e a fundação da Associação Rural de Bagé, sendo eleito seu presidente de honra.

No início de 1905 é removido para servir novamente na Embaixada de Buenos Aires, onde permanece até 1908, quando é “exonerado a pedido, do posto diplomático”. Este ano é bastante movimentado e intenso, pois já em janeiro Assis Brasil instala-se no “Cottage” (um chalé de madeira ao estilo norte-americano, pré-fabricado, um dos primeiros no país) construído especialmente para o acompanhamento das obras da Granja de Pedras Altas e que depois seria destinado aos hóspedes do local.

Ainda neste ano de 1908, participa da 2ª Conferência Nacional de Agricultura no Rio de Janeiro, falando sobre as “raças vacuns mais convenientes ao Brasil”. Em seguida, fala no 1º Congresso Rural do Rio Grande do Sul, ocorrido em Pelotas, sobre o “gado cavalariço, raças preferidas”. Na sequência, participa junto com Fernando Abott, do Congresso de democratas na cidade de Santa Maria (onde profere o discurso que publicará posteriormente intitulado “Ditadura, Parlamentarismo, Democracia”), onde fundam o P.R.D. (Partido Republicano Democrático). Publica a pequena obra “A Granja de Pedras Altas”, onde expõe seus planos e objetivos neste grande empreendimento rural. A construção do castelo homônimo inicia ainda em dezembro do ano em curso.

O ano de 1909, no campo político abrigou a chamada “Campanha Civilista”, liderada por Rui Barbosa, um candidato civil à presidência da república, em oposição a Hermes da Fonseca (militar). Assis Brasil participou ativamente deste movimento, apoiando Rui Barbosa, que acabou derrotado na eleição do ano seguinte. A seguir participa do 1º Congresso da Federação das Associações Rurais do Rio Grande do Sul, antecessora da atual FARSUL, fundada em 1927 (BROSSARD, 1989, p. 397). O referido Congresso foi realizado em Porto Alegre e Assis Brasil discorreu sobre desmatamento e reflorestamento no evento.

No ano de 1911, Assis Brasil participou do Congresso Agrícola de São Paulo, “falando na abertura e no encerramento sobre o café”. Mesmo reconhecendo a importância deste cultivo para a economia brasileira, defende fortemente a adoção da policultura em nosso país. Também nesta época escreve no jornal Correio do Povo, sobre a importância econômica da avicultura. No ano seguinte no Congresso Rural de Santa Maria, discorre sobre as técnicas de criação de ovelhas.

No mês de junho do ano de 1913, ocorreu o fim da construção do castelo de Pedras Altas (após aproximadamente quatro anos e meio de obras) e a entrada oficial de Assis Brasil e sua família no local. No decorrer dos anos, Assis Brasil envolve-se em diversas atividades e eventos ligados a agricultura, tais como palestras sobre a cultura do milho, vida no campo, reforma rural, plantio de eucaliptos, cereais e criação de gado de raça.

Em sua “página rural” do Correio do Povo (1915) dedica-se a divulgar o gado Devon⁵ e suas qualidades. No ano de 1920, na 4ª Exposição Rural de Dom Pedrito, vem a proferir palestras sobre o cavalo “AB”, estirpe formada com exemplares de sua seleção particular. Em espaço do Correio do Povo alerta a sociedade gaúcha através do artigo “A Angústia dos Criadores”, onde reclama por maior atenção e apoio para os mesmos. Corria o ano de 1922 e os rumos dramáticos da política rio-grandense, mais uma vez se cruzaram com a vida de Assis Brasil. Aproximavam-se as eleições de novembro daquele ano e Borges de Medeiros preparava-se para o seu quinto mandato a frente do governo gaúcho.

Todavia um grupo de antigas e novas lideranças oposicionistas composto por nomes como: Fernando Abbott, Andrade Neves, Walter Jobim e Raul Pilla, veio convidar o velho republicano Assis Brasil para lançar-se candidato contra Borges de Medeiros. Assis Brasil aceitou o desafio e percorreu grande parte do Estado em uma empolgante campanha que teve enorme aceitação popular.

Ao final do pleito, apesar das expectativas em contrário, novamente Borges de Medeiros foi proclamado “vencedor” por uma fraudulenta comissão eleitoral presidida por um jovem Deputado de São Borja chamado Getúlio Dorneles Vargas. A quinta eleição consecutiva de Antônio Augusto Borges de Medeiros ao governo do Rio Grande, foi o estopim para um novo levante em janeiro de 1923. Mais uma vez as disputas políticas no Estado levariam as facções adversárias à luta armada, com a arregimentação das milícias particulares e das tropas legalistas em embates sangrentos, recheados de ódios e ressentimentos.

Apesar dos contextos nacionais diferentes, assim como em 1893, os rebeldes acreditavam na possibilidade de intervenção federal no Rio Grande do Sul em 1923. Mas em ambos os casos este fato não se confirmou. E mais uma vez os rebeldes, onde despontavam nomes como Honório Lemes e Zeca Neto, sofreram derrotas militares para as tropas legalistas que abrigavam novas lideranças, como Flores da Cunha e Osvaldo Aranha.

Contudo, o PRR, abalado por dissidências e disputas internas, como a de Ramiro Barcelos (1915), já não apresentava a mesma força hegemônica de outrora.

Assis Brasil, mesmo tendo estado afastado da política, ainda era um líder que gozava de prestígio e respeito e com a intermediação do Ministro da Guerra de Artur Bernardes, o General gaúcho Setembrino de Carvalho, pactuou no acordo de Pedras Altas (dezembro de 1923) uma revisão da Constituição de 1891 com o compromisso de que Borges terminaria o

⁵ Segundo o Devon Herd Book (publicação criada em 1851 para registrar a genealogia pura da raça Devon) de 1919, Assis Brasil “forma o maior rebanho de gado Devon puro do mundo” (BROSSARD, 1989, p.397).

seu mandato, mas não seria mais reeleito. A revolta terminou e o Estado estava aparentemente “pacificado”. Contudo, o país vivia tempos agitados como das revoltas tenentistas de 1922 (18 do Forte) e 1924 (Revolta Paulista de Isidoro Dias Lopes) e as Colunas Prestes e Miguel Costa (1924-1927). Ainda em 1924, é formalizada, em Congresso realizado em São Gabriel, a criação da “Aliança Libertadora”, com Assis Brasil como presidente. Em seguida, Assis Brasil, temendo represálias no Rio Grande do Sul, exila-se em Melo, no Uruguai. Neste país, além de articulações políticas, escreve um estudo intitulado “El Eucaliptus Roca” (1926), defendendo o seu cultivo e acaba plantando um bosque desta árvore exótica na cidade de Melo.

Sobre o envolvimento político do período, Cortés no seu livro intitulado “Política Gaúcha” (1930-1964) assim descreve os principais acontecimentos:

Uma nova oposição nacional começou a se formar. Em 1927, a Aliança Libertadora Gaúcha uniu-se ao pequeno Partido Democrático Paulista (PDP) para formar o Partido Democrático Nacional, sob a presidência de Assis Brasil, mas teve pouco impacto fora desses dois Estados. No ano seguinte, a Aliança Libertadora foi transformada no Partido Libertador (PL), com Assis Brasil na presidência. A maioria dos federalistas entrou no PL, [...] Assis Brasil, esboçou um programa liberal clássico, exigindo o voto secreto, representação proporcional, justiça eleitoral independente e liberdades civis (CORTÉS, 2007, p.41).

No Rio Grande do Sul transcorreram os últimos anos do já decadente Borges de Medeiros a frente do governo e em 1927, Getúlio Vargas, um candidato de conciliação, (que havia sido Ministro da Fazenda de Washington Luis, com o apoio de Borges) foi eleito para sucedê-lo.

Assis Brasil é eleito na época Deputado Federal pela Aliança Libertadora e retorna do Uruguai, tomando posse do mandato no mês de maio de 1927 e defendendo a anistia aos revoltosos dos anos anteriores. A partir de 1928, atua sob a legenda do Partido Libertador que fora fundado, em Bagé.

Vargas governou até outubro de 1930, respeitando a oposição e eliminando práticas de perseguição borgistas. Em nível nacional, a elite oligárquica formada por cafeicultores paulistas e grandes pecuaristas mineiros que sustentava o acordo da chamada política do “café com leite”, combalida pela crise de 1929, acabou se dividindo quanto a sucessão de Washington Luis.

Getúlio Vargas se lançou candidato à presidência do país, tendo sido apoiado por mineiros, paraibanos e gaúchos, nesta ocasião tanto por Republicanos como por Libertadores,

no caso destes últimos tendo a decisiva participação, em prol da unidade, de Assis Brasil, assim descrita por João Neves da Fontoura em suas memórias:

De tudo quanto sei, pelos depoimentos que fui recolhendo em anos de convivência com as figuras do tempo, concluo que sem Assis Brasil o Partido Libertador não teria adotado a candidatura Vargas, por conseguinte, não teria surgido a Frente Única, nem a Aliança Liberal (FONTOURA apud BROSSARD, 1989, p.230).

Vargas acabou sendo derrotado pelo candidato oficial Júlio Prestes, por alegada fraude eleitoral. Os ânimos se acirraram e inclusive o “descontextualizado” assassinato do político da Paraíba, João Pessoa, (em julho de 1930) vice-presidente da chapa da “Aliança Liberal” de Getúlio, também auxiliou na eclosão da “Revolução de 1930”, quando os gaúchos tomaram o governo da nação, liderados por Vargas, derrubando Whashington Luis e pondo fim a chamada “República Velha”. Assis Brasil por sua vez, incentivou um vacilante Vargas a assumir o poder em substituição a Junta Militar Provisória⁶ que comandou o país no hiato ocorrido após a vitória do movimento revolucionário. Logo em seguida, a convite de Vargas, Assis Brasil assumiu o Ministério da Agricultura no mês de novembro de 1930. Concomitantemente passa a integrar a Subcomissão de Reforma da Lei e Processos Eleitorais.

Em fevereiro do ano seguinte, Assis Brasil é novamente nomeado Embaixador na Argentina e passa a acumular ambos os cargos. Ironicamente, o destaque de sua “atuação” no período a frente da pasta da Agricultura, se dá na área da política, pois apoiou Mauricio Cardoso (Ministro da Justiça) na elaboração do Código Eleitoral de 1932, que dentre outras medidas consagrou a criação da justiça eleitoral, a representação proporcional, o voto secreto e o voto feminino no país.

Ainda em 1932, tenta em vão evitar a crise e a ruptura entre os chefes da Frente Única, que passam a abandonar o governo de Vargas, exigindo juntamente com os políticos paulistas uma Assembleia Constituinte e eleições. Desta forma Mauricio Cardoso exonerou-se da pasta da Justiça, Lindolfo Collor, do Trabalho, Batista Luzardo, da Chefia de Polícia do Distrito Federal, além de João Neves da Fontoura, de Consultoria Jurídica do Banco do Brasil. O próprio Assis Brasil pede demissão de seus cargos a seguir, sendo que Vargas recusa inicialmente. A Revolução Constitucionalista irrompe em São Paulo em 9 de julho e acaba sufocada em 1º de outubro de 1932. Assis Brasil intercede junto a Vargas por políticos

⁶ A Junta Governativa Provisória composta pelos Generais Augusto Tasso Fragoso, João de Deus Mena Barreto e Almirante José Isaias de Noronha, esteve a frente do poder no Brasil nos dias de 24/10/1930 à 03/11/1930, quando pressionada pelas lideranças revolucionários entregou o governo a Getúlio Vargas.

gaúchos que apoiaram os paulistas, inclusive por Borges de Medeiros, que fora seu antigo adversário.

Assis Brasil é exonerado do cargo de Ministro da Agricultura apenas em dezembro de 1932. Com relação à diplomacia, ausenta-se da Embaixada de Buenos Aires, a partir de 09 de julho do mesmo ano, contudo só é dispensado oficialmente desta função em julho de 1933. É eleito Deputado Constituinte em maio de 1933, mas logo em seguida é novamente convidado para Missões Especiais em Londres (na Conferência Econômica e Financeira Mundial) e em Washington. Só assume o mandato constituinte em novembro daquele ano, após sua aposentadoria definitiva da carreira diplomática, e acaba por renunciar ao mesmo em fevereiro de 1934, quando retorna à sua amada Granja de Pedras Altas.

No mês seguinte uma tragédia pessoal o abate profundamente, Cecília, sua filha querida, morre, com 35 anos de vida, fulminada por um raio quando cavalgava pelos campos da Granja e é surpreendida por uma tempestade. Assis Brasil, já decrépito, ainda verá com tristeza o “Golpe do Estado Novo” perpetrado por Getúlio em 1937 e os rumores da Segunda Guerra Mundial; findando sua jornada nestes mesmos campos do sul na véspera do natal de 1938, com 81 anos de idade.

Como podemos notar, após esta resumida apresentação de trechos da vida de Assis Brasil, o seu envolvimento com questões políticas e assuntos relacionados à agricultura ocorriam concomitantemente e de forma muito entrelaçada, ora preponderavam aspectos de atuação em uma área, ora em outra. Mas é possível afirmar que a vida no campo e as lides relacionadas à terra foram uma das grandes (senão a principal) “paixões” da vida deste grande líder político gaúcho. É sabido que ele foi escritor, poeta, intelectual, visionário e estadista, mas sem dúvida os assuntos da agricultura lhe davam imenso prazer e nesta combinação de temas aparentemente antagônicos não via contradição alguma:

Em Pedras Altas ele vai exercer um novo magistério, enobrecendo o trabalho rural e procurando subtrai-lo ao empirismo e à rotina; como notou Paulo A. Gonçalves, ele vai mostrar que: a vida rural não só condiz, como completa a atividade do homem público (GONÇALVES in BROSSARD, 1989, p.114).

Estas imagens do Assis Brasil, propagandista, divulgador e incentivador da agricultura, a despeito de suas origens agrárias, começam a se tornar mais fortes e públicas, confundindo-se cada vez mais com a do político, a partir do início de sua carreira diplomática em 1892. Buscando analisar alguns destes elementos específicos e contribuições de um verdadeiro “Embaixador do campo” é que passamos ao segundo capítulo deste trabalho.

2 O EMBAIXADOR DO CAMPO

“O proveito da terra é para todos; até o rei se serve do campo.”

(Eclesiastes 5:9)

Inicialmente podemos afirmar, com certeza, que para Assis Brasil a vida no campo realmente não era incompatível, oposta ou divergente às atividades intelectuais. Esta interpretação pode ser alicerçada em sua crítica severa daquilo que chamou de “bacharelíce”:

O estancieiro que tem filhos destina desde logo aqueles em quem observou maiores sinais de inteligência ao que ele chama – os estudos, guardando os que lhe parecem mais estúpidos para continuarem a sua rotina. Os tais estudos consistem na obtenção dos nossos incompletos preparatórios, e depois nos cursos teóricos de medicina, de engenharia, ou de direito. Quando volve a casa paterna o novo letrado, traz o espírito habituado a considerar vil e desprezível a atividade do pai e irmãos que se ocupam de parar rodeio, laçar, bolear e domar, e vai meter-se na primeira cidadezinha, onde aumenta o número dos desocupados que alimentam a intriga local, consagrando-se ao funesto parasitismo que faz a nossa desgraça (BROSSARD, 1989, p.135).

Assis Brasil dedicou a sua vida tanto no campo teórico, como nas ações práticas a combater este preconceito contra o campo, em especial as atividades ligadas àquela que denominou “agricultura”. Termo este, que para ele englobava todas as práticas ligadas a terra:

Agricultura é o cultivo da terra ou do campo, é lavoura e é criação. O que os senhores chamam aqui pecuária, eu chamo de criação ou gadaria ou ainda de indústria pecuária, porque este vocábulo é adjetivo e não substantivo [...] agropecuária ofende a língua e a lógica: as cousas pecuárias pertencem a agricultura, a qual consta de dois grandes ramos – lavoura e criação. Dizer agropecuária é como dizer uma loja de chitas e fazendas (BROSSARD, 1989, p.146).

O fato de nosso país, segundo a ótica de Assis Brasil, desprezar a agricultura nos trouxe grandes problemas econômicos, que ele já apontava na primeira edição de “Cultura dos Campos” (1898). Seria preciso “administrar melhor e produzir mais.”

Este livro foi um marco desta “pregação” em favor da valorização das atividades rurais, (livro clássico que alcançou quatro edições: 1898, 1905, 1910 e 1977 com vendas superiores a 37 mil unidades) e um alerta contra os erros cometidos desde então. Sobre isto lemos no seu primeiro prefácio:

“É vergonhoso que o nosso país, dispondo de uma enormidade de terreno, tão fértil como o que mais o for, não tenha sequer a independência do próprio estômago, e vá pedir ao estrangeiro os gêneros mais necessários à vida” (BRASIL, 1898, p.5).

No texto do livro, Assis Brasil dedica-se a propor “noções gerais de agricultura” e “alguns cultivos atualmente mais urgentes no Brasil”. Portanto, em sua proposta ele trabalha com a noção de que era necessário e possível cultivar diversas espécies em solo gaúcho, sem desmatar áreas de floresta, mas aproveitando os campos. Assim sendo, sua prioridade é propor inovações e a adoção de uma produção racional e metódica no campo. Procura explicar inicialmente, com o conhecimento disponível na época, os elementos que compõem o solo e seus diferentes tipos, a atmosfera e fenômenos como a fotossíntese. A seguir descreve as plantas e opções de correção do solo e técnicas de adubagem.

A preocupação técnica e ambiental de Assis Brasil o leva a discorrer sobre as vantagens da “cultura no campo” e a condenação da derrubada de florestas como forma de ampliar as áreas de cultivo, pois tal prática traz graves consequências ao solo, ao clima e aos regimes de chuva:

“Outro mal da ausência ou destruição do arvoredo é o caráter de irregularidade e rudeza que adquire o clima das regiões que carecem de grande vegetação” (BRASIL, 1977, p.120).

“Várias observações têm sido registradas de profundas alterações de clima, principalmente no tocante ao régimen das águas, coincidindo com a presença ou ausência do arvoredo no mesmo país” (BRASIL, 1977, p.121).

A falta de atenção a estes alertas emitidos no final do século XIX, cobram um alto preço do solo rio-grandense nos dias atuais, com o crescente processo de desertificação verificado em regiões da Campanha e alterações climáticas em âmbito global.

Assis Brasil também explica que as “terras despidas de vegetação” endurecem e dificultam a penetração de águas em direção aos mananciais subterrâneos, dificultando a manutenção de seus níveis de absorção e retenção. Mostrando o equívoco que é a derrubada da mata, Assis Brasil, descreve com precisão o futuro destas áreas desmatadas pelo país:

No fim de alguns anos, a roça, que foi opulenta de fertilidade, está mais estéril e desolada do que o mais pobre dos campos da planície. O homem vai então buscar mais adiante novo talhão de floresta, para o deixar em igual tempo reduzido à mesma miséria. Se todos os plantadores fizerem a mesma coisa, estará dentro de pouco tempo todo o país desarborizado. É o que está sucedendo para o sul do Brasil, onde já há quem se queixe também das desastrosas alterações do clima que são consequências forçadas do fato (BRASIL, 1977, p.124).

Nesta questão, ele inclui também as áreas cedidas para a colonização de imigrantes que “têm sido localizadas nas florestas” e nas quais deveria se prever aos colonos “a obrigação de reservar uma área determinada de mato, da qual não faria senão o uso

compatível com a conservação da mesma”. Além disso, ele sugere que sejam feitas leis que proíbam o desmatamento e exijam o reflorestamento de áreas atingidas, “não só no sentido de fazer parar o mal, como no de remediar o que já está feito.” Sobre esta questão ele ainda aborda a necessidade de crédito e a instrução dos agricultores para que obtenham melhores resultados na cultura dos campos, bem como na conscientização da necessidade do florestamento e do reflorestamento, pois “plantando florestas, cada geração trabalha para as que lhe hão de suceder”.

Por estes e outros motivos, conclui Assis Brasil que “a indústria agrícola é por isso muito mais inteligente e progressiva no campo do que nas florestas”.

No restante da obra “Cultura dos Campos”, Assis Brasil se propõe a mostrar a história, importância, espécies, doenças, fragilidades, qualidades, opções de rotação de culturas, terrenos e formas de plantio de diversos cereais, leguminosas e forrageiras, tais como: trigo, milho, centeio, cevada, aveia, alfafa e sorgo. Tudo é apresentado de forma detalhada e didática, buscando se tornar acessível ao agricultor mais experiente e também ao novato.

Assis Brasil, também aproveitava suas viagens diplomáticas na condição de embaixador, cargo que exerceu durante muitos anos e em diversos países do mundo, para aprimorar seus conhecimentos na agricultura e posteriormente socializá-los no Brasil. Com este intuito participou como observador da “Exposição Pecuária de Chicago”, (1900) quando era embaixador nos Estados Unidos. Daquela evento apresentou, no início do ano seguinte, um detalhado relatório ao governo brasileiro.

Neste documento ele mostra uma de suas grandes preocupações, que era o aprimoramento das raças de gado existente no Brasil e em especial no Rio Grande do Sul, que na época era dominado por rebanhos de zebuínos (de origem indiana), gado do tipo franqueiro (de origem africana, introduzido na região no século XVII por jesuítas espanhóis) e cruzamentos destes rústicos e resistentes animais, mas de baixa produtividade se comparados com raças “europeias”. Sobre isto Assis Brasil sugere a raça “Hereford” como “um dos gados aperfeiçoados mais próprios para os nossos campos do sul, especialmente para os de melhores pastagens”, argumentando que possui excelente produtividade e custo tanto “em pé”, como depois de abatido, ao dar excelente qualidade e quantidade de carne.

Assis Brasil também cita outras raças de gado, como “Angus” e uma variação desta chamada “Galloway”, que também seriam de possível introdução no sul do país. Quanto a suínos, ele cita os “Berkshire”, como de excelente produtividade e mostra-se admirado com a estrutura e qualidade dos frigoríficos norte-americanos. Desde os tempos da criação da “Sociedade Brasileira para Animação da Agricultura” (1895), Assis Brasil fomentou a

importação de exemplares de raça para o Brasil, visando a qualificação e a diversificação dos nossos rebanhos. Sobre isso Pimentel (1950) nos diz que: “A entidade criada pelo Dr. J. F. de Assis Brasil, durante anos adquiriu na Europa e exportou para o Brasil sementes e animais”.

Esta atividade era feita a preço de custo ou em forma de doação para entidades em nosso país e abrangeu vários grupos de equinos, bovinos, ovinos, caprinos, suínos e galináceos. Com relação a estes últimos, também previu a sua importância futura ao afirmar que “poucos têm ideia do importante negócio que pode tornar-se a criação de galinhas”.

Em tantas viagens pelo exterior, em especial para a Inglaterra que considerava com condições ambientais semelhantes ao solo gaúcho, Assis Brasil, firmou alguns conceitos quanto às raças ideais para o Rio Grande do Sul e para o país:

Não caberia nesta ligeira notícia historiar os caminhos, os incidentes e os acidentes mediante os quais se firmou em mim o critério, já agora inabalável, de que a raça Devon é a mais indicada para o Rio Grande e para todo o Brasil, onde seja possível a criação *vacum*, para a especialidade da produção de carne, e subsidiariamente para leite, assim como outra raça devoniana, a Jersey, é a mais indicada para a produção de leite, queijo e manteiga, e subsidiariamente para carne. *Mutatis mutandis*, poderia dizer o mesmo em relação à ovelha Rommey Marsh, para lã e carne (BROSSARD, 1989, p.129).

Ainda se expressando sobre as vantagens em criar a raça Devon, oriunda da Inglaterra, relacionadas à velocidade de crescimento, qualidade da carne e aclimatação, Assis Brasil relata que:

Há duas variedades da raça Devon: a do Norte (North Devon), e a do Sul (South Devon) [...]. A variedade do Norte é a mais antiga e mais rústica e aclimável. A Granja de Pedras Altas já experimentou a do Sul e deu preferência decisiva à do Norte, que é só a que cultivava (PIMENTEL, 1950, p.33).

No que se refere aos seus argumentos relativos a criação da raça Jersey em nosso Estado, ainda lemos o seguinte:

[...] a especialidade da vaca Jersey é a produção de leite rico e são. É também uma das raças menos exigentes, acomodando-se em quase todos os climas e qualquer alimentação. [...] Não há vaca que coma mesma quantidade de forragem, se aproxime da quantidade e qualidade do leite que ela produz (PIMENTEL, 1950, p.46).

Assis Brasil também propôs a adoção em nosso território, após experiências por ele mesmo executadas em Pedras Altas, de raças especiais de ovelhas, tais como a “Merino-Vermont”, utilizada com sucesso na Austrália, notória produtora mundial de lã, apresentando ótima qualidade e rendimento.

Sobre o assunto, se expressa da seguinte forma:

“O núcleo ovino para lã fina de Pedras Altas tem por base o sangue puro Merino, em uma feliz combinação do tipo grande obtido nos célebres apriscos da Baviera com o pequeno carneiro enrugado conhecido pelo nome do Estado em que se originou: Vermont” (PIMENTEL, 1950, p.50).

Ainda com relação à produção de lã fina, Assis Brasil também trouxe para o Rio Grande do Sul, exemplares da raça de ovinos “Ideal”, também de origem australiana e aprimorada através do cruzamento de matrizes Merino, Lincoln e Leicester. Além desses, fez também derradeiras experiências de criação com, o versátil e resistente, ovino Karakul, (1931) de origem asiática, reconhecido como excelente fornecedor da pele fina denominada “Astrakan”.

Com relação à criação de suínos, Assis Brasil inicialmente preconizou o aumento necessário do cuidado com a localização dos criadouros, além de melhorias da higiene local e do manejo de pragas e doenças. Além disso, propôs categoricamente a utilização da raça Berkshire (que como já foi citado anteriormente, conheceu na exposição de Chicago, em 1900) como atestamos nas suas seguintes palavras:

“Além de outros méritos, a raça Berkshire é proveniente do chamado porco Macau e, pois, de clima análogo ao do Brasil é, por isso muito adaptável às nossas condições, o que já está bem provado pelos fatos” (PIMENTEL, 1950, p.52).

Assis Brasil se propôs a buscar novas oportunidades de geração de renda no campo e após experiências práticas em Pedras Altas, oferecer os conhecimentos e conclusões adquiridas para outros agricultores. Neste contexto, a criação de aves transformada em negócio, foi uma das possibilidades testadas e defendidas por ele:

A Granja de Pedras Altas cultivava cinco raças ou variedades de galinhas, todas provenientes dos Estados Unidos, tendo sido os núcleos primitivos escolhidos naquele país pessoalmente pelo proprietário, com o auxílio de competentes peritos. De dois em dois anos, importam-se novos galos, com o fim de manter a pureza das raças e acompanhar os constantes progressos dos norte-americanos (PIMENTEL, 1950, p.57).

Por falta de instalações adequadas capazes de evitar cruzas indesejadas, Assis Brasil não investiu em outras aves (peru, pato ou ganso) além das galinhas, onde alcançou excelência com cinco raças, a saber: White Wyandotte (branca e prateada), Barred Plymouth Rock (popular “Carijó”), White Brahma e Dark Brahma.

Nos anos de 1900 “havia apontamentos de rendimentos anuais de 400% com a criação de aves nos Estados Unidos”, que já superava em qualidade a produção europeia. Apesar do esforço e dos investimentos de Assis Brasil a avicultura nacional só foi transformada em negócio com estrutura produtiva organizada após a década de 1930. Mas atualmente os resultados são excelentes, pois a qualidade da produção do país, conforme dados do Ministério da Agricultura, levou o Brasil à condição de principal exportador de carne de frango no mundo.

Outra importante contribuição de Assis Brasil para a agricultura nacional está na sistemática seleção de tipos de milhos, que levaram ao reconhecimento de uma espécie de incontestável qualidade que leva as suas iniciais, o chamado “milho A.B.”. Sobre este trabalho ele informou que:

“Essa espécie, hoje cultivada em alguns Estados do Brasil, e especialmente nos do Rio Grande do Sul, Minas e São Paulo, é o resultado de uma seleção metódica por mim operada sobre o chamado Milho Crioulo” (PIMENTEL, 1950, p.59).

Assis Brasil foi também um apreciador das “carreiras”. e dos cavalos de raça, tendo introduzido alguns reprodutores árabes no Estado, no final do século XIX. Além disso, fez seleções que originaram um tipo por ele denominado “Cavalo A.B.”, especial para montaria. Sobre o assunto temos o seguinte registro do ano de 1920:

O Dr. J. F. de Assis Brasil pronunciou o discurso inaugural da 4ª Exposição Rural de Dom Pedrito, fazendo também esplêndida palestra sobre o cavalo A.B. por ele selecionado, expondo o cavalo <Gaúcho Asseado>, magnífico exemplar próprio para sela (PIMENTEL, 1950, p. 116).

No que tange ao cultivo de espécies de plantas e árvores, Assis Brasil plantou também cuidadosamente várias espécies frutíferas (nativas ou não) como pereiras, videiras e nogueiras pecãs.

Merece menção, inclusive para reparos históricos quanto ao seu pioneirismo, a sua experiência com os eucaliptos, (nativos da Austrália, em sua maioria) já testada em seu exílio no Uruguai (1924-1927), que teve pouca repercussão e ou resultados práticos na época, mas que nos anos vindouros acabou por se transformar num controverso plantio por extensas áreas do nosso Estado, formando o que seus críticos chamam de “deserto verde”⁷. Esta árvore foi

⁷ A expressão deserto verde é utilizada pelos ambientalistas para designar a monocultura de árvores em grandes extensões de terra para a produção de celulose, devido aos efeitos que esta monocultura causa ao meio ambiente. As árvores, mais utilizadas para este cultivo são sobretudo o eucalipto, pinus e acácia (MEIRELLES, 2006).

sendo usada progressivamente para lenha, construção civil, indústria moveleira e fundamentalmente para abastecer, como matéria prima, as grandes fábricas de celulose.

Todas estas experiências e inovações aqui relatadas, além de muitas outras práticas relacionadas ao mundo rural, foram vivenciadas por Assis Brasil, em sua afamada e célebre “Granja de Pedras Altas”.

Discorrer com profundidade sobre este local com certeza exigiria um capítulo ou um trabalho a parte e este seguramente não é o objetivo do presente texto. Mas é preciso salientar alguns aspectos deste projeto grandioso levado a cabo por alguém que se considerava inovador, às vezes tido como excêntrico, fazendo este tipo de pregação: “O indivíduo progressista é tido, muitas vezes, como visionário, mas nem por isso segue-se que nos devamos apegar a rotina”. Propondo mudanças de paradigmas, teorizou sobre as finalidades das exposições rurais de sua época:

[...] provar qual a melhor das raças para uma determinada região através de um critério simples: criar num mesmo campo animais da mesma idade e do mesmo grau de sangue, depois abatê-los para verificar qual o que produz mais ouro. A raça que mais produzisse nas mesmas condições de criação, seria a melhor (PIMENTEL, 1950, p.83).

Nestes argumentos encontramos parte das razões para que Assis Brasil se lançasse a edificação da Granja de Pedras Altas, pois ele pretendia inovar e aplicar na prática, com a mentalidade científica de seu tempo, os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da vida, oferecendo posteriormente os resultados obtidos à apreciação pública.

Nesta propriedade experimental, que no seu auge contou com aproximadamente 300 hectares de extensão, Assis Brasil idealizou dentre outras coisas: cercas, porteiras (com pesos e abertura vertical), carpintaria, fábrica de laticínios, gasômetro (para geração de energia elétrica), cisternas para captação e reaproveitamento de águas pluviais, estrebarias, pomares, biblioteca e o fabuloso castelo erigido com granito rosa (abundante na região) em meio à paisagem do pampa.

Esta edificação, ao estilo medieval europeu, com 44 cômodos e 12 lareiras, teria sido feita em homenagem a Dona Lydia (1878-1973), sua segunda esposa, que nascera na Europa e era descendente da nobreza portuguesa. Além disso, simbolizava o enobrecimento da atividade no campo exercida conjuntamente com a vida culta e ilustrada, sintetizada no verso que Assis Brasil deixou gravado na entrada do castelo: “Bem-vindo à mansão que encerra dura lida e doce calma: o arado que educa a terra; o livro que amanha a alma.”

Ainda buscando justificar os seus objetivos com a construção e organização de Pedras Altas, Assis Brasil, assim se expressa:

Quando a granja estiver em plena operação, o visitante há de encontrar nela: uma biblioteca de alguns milhares de volumes sobre todas as ordens de conhecimento e especialmente ciências, artes e indústrias agrícolas, instrumentos aratórios, e outros aparelhos de uso rural em harmonia com as condições peculiares ao Rio Grande e distritos análogos do Brasil, sendo os interessados instruídos sobre a montagem e utilização dos mesmos e vendo-os operar nos campos experimentais da granja; mudas e sementes de plantas úteis, ornamentais, frutíferas e industriais, (selecionados segundo as mais escrupulosas regras zootécnicas e adaptados ao clima e outras características locais) das espécies domésticas de maior utilidade – aves de diferentes raças, suínos para carne, vacuns para carne, leite e trabalho, cavalares para velocidade, montaria e tração; finalmente instalações industriais econômicas para a fabricação de laticínios, conservas de frutas e outros produtos (PIMENTEL, 1950, p. 54).

Prosseguindo a sua argumentação sobre as razões da existência de Pedras Altas, Assis Brasil complementa afirmando que:

Pedras Altas representa um esforço no sentido de demonstrar com o exemplo o que a palavra, escrita e falada, tem evangelizado à sociedade, quanto a muitas reformas de economia rural necessária entre nós. É também uma tentativa de realizar, em pleno campo e mediante modestíssimos recursos de fortuna, a vida confortável e inteligente – bem estar sem luxo, repouso sem ociosidade (PIMENTEL, 1950, p.54).

Em Pedras Altas, Assis Brasil também levou a cabo o projeto ambicioso de aumento de produtividade na agricultura, que pode ser resumido da seguinte forma:

De uma quadra tirar o que costumeiramente se tirava de uma légua. A quadra tem 87,12 hectares, enquanto a légua tem 4.356 hectares, ou 50 quadras. Através dessa expressão sintética ele deixava claro que era necessário aumentar a produtividade da terra em 50 vezes, e se propunha a fazê-lo (BROSSARD, 1989, p.141).

Com trabalho metódico e o uso das mais modernas técnicas de adubagem, plantio e manejo de solo, logrou êxito em atingir a sua meta, algo memorável para a época.

Contudo, tais sonhos e objetivos não foram atingidos com “modestíssimos recursos”, ao contrário necessitaram inclusive do aporte de capital oriundo de financiamentos e de rendas de outras propriedades de Assis Brasil, espalhadas pela Campanha gaúcha. Desta forma o ousado “Embaixador do Campo”, apesar do pioneirismo e relativo sucesso obtido em vários ramos da agricultura, deixou dívidas para seus sucessores, além dos altos custos de manutenção da grande estrutura da Granja de Pedras Altas, após a sua morte ocorrida em dezembro de 1938.

Finalmente, nos dias atuais, o Castelo de Pedras Altas e grande parte das espetaculares instalações da granja ainda estão de pé, em mau estado de conservação, no pequeno município homônimo, permanecendo em mãos da família Assis Brasil, que os mantêm, abertos a visitação, em meio a dificuldades financeiras.

Em 1999, na gestão do governador Olívio Dutra (1999-2002), o IPHAE (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado) iniciou o processo de tombamento do Castelo, que terminou em 2010, no Governo de Yeda Crusius (2007-2010). Todavia as promessas de verbas para apoio e manutenção não se efetivaram e a edificação, de importância histórica e apreciação turística, vai sofrendo com a progressiva deterioração.

Nos fundos do Castelo, o visitante pode seguir por uma alameda de eucaliptos plantados pelo seu idealizador, que conduz a um pequeno cemitério por ele denominado “Boa Viagem”. Ali repousam os restos mortais de Cecília, a filha querida; a segunda esposa Lydia, a companheira de uma vida e os dele próprio: Joaquim Francisco de Assis Brasil, que nas palavras de Paulo Brossard de Souza Pinto era um homem de “espírito poliédrico”, “amplo e variado”, ou ainda “um semeador da liberdade” para Raul Pilla e por fim um grande “Embaixador do Campo” para este autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assis Brasil era um aristocrata, mas bastante especial, pois era erudito, “romântico”⁸, como se autodescreveu. Além de “semeador” de ideias e conceitos dos mais variados assuntos, foi um indivíduo capaz de inventar uma prosaica bomba de chimarrão “com mil furos”, que dizia ser a prova de entupimento, e também de propor com antecedência de praticamente um século (em 1898) um acordo ortográfico entre Brasil e Portugal.

Ao longo de sua vida política apresentou revisões e mudanças importantes de posicionamento. No início da carreira defendia com tranquilidade os “alistamentos eleitorais do voto do cabresto” e a própria votação aberta. Com o passar dos anos tomou convicção pelo voto secreto. Inicialmente era um presidencialista convicto, mas depois de certo tempo passou a nutrir alguma simpatia pelo parlamentarismo. De republicano histórico, fundador do PRR, tornou-se um engajado dissidente, liderando velhos maragatos em 1923. Após este período, paulatinamente foi abandonando o tom mais contundente dos pronunciamentos, em favor de

⁸ Romântico no sentido amplo do século XIX: amante dos valores da liberdade, da paz, do altruísmo, da justiça, do amor e das artes.

um discurso conciliador e de união com antigos adversários, ao ponto de defender anistia para seus opositores.

Contudo, em termos de agricultura, afora algumas mudanças pontuais relacionadas a espécies por ele rejeitadas ou fruto de aprimoramentos e novas técnicas, sempre se mostrou um fiel defensor do que hoje se convencionou chamar de “agronegócio”.

Assis Brasil era de formação liberal e empreendedora, oriundo do latifúndio de baixa produtividade, característico das grandes estâncias gaúchas, palcos típicos de exercício de um tipo de pecuária extensiva e atrasada. Ele sempre condenou com veemência esta atividade pouco especializada praticada no pampa, mas não a existência do latifúndio que a sustentava. Nem tampouco questionou o modelo agrícola agroexportador, que faz crescer verticalmente o lucro de uma minoria e horizontalmente a miséria e a concentração fundiária no campo, além expulsar contingentes populacionais das áreas rurais, fomentando o êxodo rural que incha atualmente a periferia das grandes cidades.

Ao contrário, sempre que possível Assis Brasil apresentou o “negócio agrícola” como a grande saída para o fim da dependência do Brasil em relação à importação de produtos primários, bem como para o equilíbrio de sua balança comercial. Esta visão não mudou muito nos dias atuais, pois geralmente são os grandes produtores que tem acesso aos maiores volumes de recursos e incentivos governamentais. Sobre a questão Jacob Gorender afirma o seguinte:

Está claro que semelhante impulso ao desenvolvimento capitalista é feito pelo Estado de maneira rigorosamente discriminatória, beneficia os grandes proprietários, dá prioridade aos produtos de exportação e à pecuária bovina de corte, privilegia certas regiões política e economicamente mais poderosas (GORENDER in STÉDILE, 2004, p.37).

Assis Brasil, ao melhor estilo do liberalismo de Adam Smith, dizia que: “Sem educação e riqueza não há liberdade”, todavia não reconheceu alternativas de distribuição de riqueza, não excludentes, mas complementares ao agronegócio, que deveriam ser alvo de sua “pregação” em favor da agricultura e da vida no campo.

Além de uma corajosa reforma agrária que diminuísse o poder dos latifúndios, podemos citar o cooperativismo e a agricultura familiar, que já existiam a sua época, em pequenas propriedades de áreas de imigração europeia. O cooperativismo redireciona e aglutina esforços em busca de objetivos comuns das comunidades rurais. A agricultura familiar baseada no exercício da policultura, em minifúndios, sem dúvida se torna a alternativa mais viável para fixação dos indivíduos a terra, proporcionando mais “liberdade” e

mobilidade ao trabalhador rural em relação à exploração e ao paternalismo existentes nas estancias gaúchas, bem como tendo ainda a capacidade de abastecer as cidades próximas com uma gama de produtos agrícolas diversificados.

É notório que o forte apoio governamental, no caso específico da agricultura familiar, representaria uma mudança significativa de paradigma em relação ao modelo agrícola predominante no Brasil e em especial no Rio Grande do Sul, proporcionando um desenvolvimento econômico mais equilibrado entre as regiões produtoras do nosso Estado.

Torna-se difícil não concluir que o nosso “patrono da agricultura”⁹, teve uma parcela de contribuição, ainda que pequena, na consolidação deste modelo excludente, baseado no agronegócio exportador em nosso Estado.

Um fato ocorrido décadas depois da morte de Assis Brasil, durante o governo de Olívio Dutra (1999-2002), ilustra bastante esta perpetuação da prevalência dos interesses do agronegócio sobre a agricultura familiar. Foram travados duros embates políticos com ampla divulgação na mídia na época, em 1999, entre o governo do Estado e o então presidente da FARSUL (Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul), Carlos Sperotto, envolvendo não apenas as ocupações de terras promovidas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) bem como também a participação da agricultura familiar na Expointer daquele ano, que chegou a ter sua realização ameaçada devido aos grandes desentendimentos.

Após um acordo entre as partes, a 22ª Expointer foi realizada e um pavilhão foi aberto ao público, com a presença de 30 expositores¹⁰ na primeira “Feira da Agricultura Familiar”, realizada no maior evento agrícola da América do Sul, após o mesmo já contar mais de duas décadas de existência.

Outro interessante aspecto relacionado a agricultura na atualidade e que com certeza igualmente não fazia parte da realidade ou do horizonte próximo de Assis Brasil é a noção da chamada “pluriatividade” no âmbito da agricultura familiar. Este conceito novo expressa-se na “afirmação cultural da pluriatividade em famílias que residem no espaço rural e integram-

⁹ Durante o primeiro governo de Sinval Guazzelli (1975-1979) Assis Brasil recebeu uma dupla homenagem: “Quarenta anos depois de sua morte, em 1977, pelo governo do Estado foi designado <patrono da agricultura rio-grandense> e o Parque de Exposições de Esteio, onde se realiza a mais importante exposição rural da América do Sul, passou a chamar-se <Parque Assis Brasil>.” (BROSSARD, 1989, p.376).

¹⁰ Os primeiros dados contabilizados e divulgados referentes ao faturamento com as vendas de produtos da agricultura familiar são relativos a 24ª Expointer (2001), que já contou com 56 bancas e 150 expositores de todo o Estado, comercializando R\$ 80 mil reais. Podemos atestar o crescimento da participação do setor da agricultura familiar nas vendas da exposição, no ano de 2010, na 33ª Expointer, que registrou 166 estandes e a arrecadação total chegou a R\$ 1,03 milhão de reais. (Fonte: www.expointer.rs.gov.br/historia)

se em outras atividades ocupacionais além da agricultura.” (SCHNEIDER, 2009, p.97). Nesta condição podem ser observadas situações em que a família permanece residindo no campo, mas não retira o seu sustento exclusivamente das atividades agrárias, pois algum membro do grupo acaba trabalhando numa outra função, não agrícola, na zona rural ou mesmo fora dela.

Neste contexto de transformação dos próprios núcleos familiares estruturados em áreas agrícolas, o autor contemporâneo verifica situações de adaptação, em geral dos casais mais jovens aos novos desafios da antiga luta pela sobrevivência:

“A grande novidade reside na emergência, entre as entre as gerações de jovens, de casais onde as esposas são assalariadas fora da agricultura e o marido trabalha sozinho em uma propriedade modernizada de razoável tamanho” (SCHNEIDER, 2007, p.107).

Este exemplo de mudança e adaptação nas relações familiares, que de alguma forma possibilita a continuidade de indivíduos no campo, ainda que não vivendo exclusivamente dele, é pertinente para ilustrar que os discursos que proferimos, mesmo que carregados de boas intenções, são datados historicamente e sofrem com o passar dos anos, uma inevitável obsolescência. Sem dúvida a “semeadura” de Assis Brasil, não poderia ficar imune a estas circunstâncias e limitações da linguagem, quer seja por suas omissões, intencionais ou não, ou ainda pelas inexoráveis transformações sociais e econômicas de nosso mundo.

Com relação à abordagem que Assis Brasil dá as questões ambientais relacionadas ao reflorestamento e florestamento, ele propôs pioneiramente a adoção do exótico eucalipto como opção, mas seria um injusto anacronismo lhe creditar alguma responsabilidade na disseminação desta contestada monocultura em nossas paragens.

Todavia, quando da defesa da “cultura dos campos”, no livro homônimo, em oposição à plantação em áreas de florestas devastadas para tal fim, abriu uma “equivocada exceção” em seu discurso, considerando aceitável o desmatamento para a ocupação do solo no norte do país, afirmando que “aí é explicável e mesmo necessário o corte da mata superabundante”. Do mesmo modo também se mostrou tolerante em relação ao fogo das queimadas, declarando que: “O fogo é, pois, um mal necessário.”

Desde o passado e mais na atualidade é amplamente difundido que tanto o desmatamento das áreas do chamado solo laterítico, (com grande acidez e forte presença de ferro e alumínio) típico da floresta equatorial amazônica, como o uso das queimadas são nocivos ao meio ambiente e constituem-se em práticas, além de condenáveis do ponto de vista ambiental, ineficientes e ilusórias com relação à produtividade agrícola.

Outro aspecto que cabe ser abordado com relação às ideias de Assis Brasil é a sua insistência na importância do aprimoramento de raças animais com vistas ao aumento da

qualidade e do rendimento dos rebanhos, pois para ele “melhor raça é a que melhor combina a adaptação ao meio com o rendimento”.

Este dispendioso esforço empreendido pelo “Embaixador do Campo”, realizando e apoiando a importação de toda sorte de reprodutores e matrizes ao longo de sua vida, hoje se encontra plenamente justificado, ainda que através de outras práticas complementares e métodos modernos como o mapeamento genético e a inseminação artificial. Chegamos à conclusão semelhante, mas em menor escala, com relação a sua contribuição no melhoramento de espécies vegetais, como no caso específico do milho “A.B.”, selecionado inclusive manualmente pelo próprio Assis Brasil em busca da fixação e otimização de características desejadas, décadas antes da instauração da polêmica dos transgênicos.

Finalmente, termino este texto, afirmando que analisando a história recente do Rio Grande do Sul, manifestei a tendência em concordar, em linhas gerais, com as propostas de modernização econômica implementadas pelo “castilhismo” do PRR e sua derivação “borgista”, no que tange a investimentos em infraestrutura, industrialização e desenvolvimento setorial da economia gaúcha. Todavia repudiando os meios utilizados para atingir tais fins, situados bem distantes do lema positivista do “amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim”.

Cabe salientar ainda, que no exercício do estudo e da pesquisa histórica se faz necessário ter a consciência de que os relatos existentes são oriundos de fragmentos de memória ou documentos sujeitos a critérios de seleção e de interesses subordinados a inúmeros fatores e circunstâncias que permeiam a ação do pesquisador. Sobre esta questão Moacir Flores, citando Pierre Nora, afirma que:

[...] a memória é a vida sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais (NORA apud FLORES, 2014, p.5).

Portanto, ao estudar a vida fascinante de Assis Brasil, como contraponto aos líderes do PRR, mesmo sabendo que vários livros consultados são extremamente laudatórios e elogiosos ao grande republicano, é necessário reconhecer que ele foi um homem público, com muitas ideias a frente de seu tempo e inclusive de suas origens, tanto na política, como na agricultura. Um personagem complexo, multifacetado, que viveu intensamente suas convicções, pagando o preço por escolhas feitas, erros e acertos. Deixando a posteridade um legado de fidelidade à

construção da democracia e de respeito à cultura, aliado ao amor e a valorização da vida no campo e suas particularidades.

REFERÊNCIAS

AÇORIANOS. **Raças**. Disponível em: <www.acorianos.com.br/siteneu/racas_links;ideal/hrm>. Acesso em: 22 set.2016.

ASSIS BRASIL. Disponível em: <<http://www.assisbrasil.org/karakul.html>>. Acesso em: 22 set.2016.

AXT, Gunter. **Constitucionalidade em debate: A polêmica Carta Estadual de 1891**. Disponível em: <http://www.tjrs.jus.br/export/poderjudiciario/historia/memorial_do_poder_judiciario/memo>. Acesso em: 30 set.2016.

BRASIL, J. F. de Assis. **Cultura dos Campos: noções gerais de agricultura e especiais de alguns cultivos atualmente mais urgentes no Brasil**. 4.ed. Porto Alegre. Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Caixa Econômica Estadual, 1977.

BRASILEIRO. **Um Castelo**. Disponível em: <http://brasileiro.com.br/2011/10/um_castelo>. Acesso em: 22 set.2016.

BROSSARD, Paulo. (Org.) **J. F. de Assis Brasil**. Ideias políticas de Assis Brasil. Rio de Janeiro: Senado Federal, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989.

CORTÉS, Carlos E. **Política Gaúcha (1930-1964)**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

FLORES, Moacyr. **Chimangos e Maragatos**. Porto Alegre: Pradense, 2014.

IMAGINA CONTEÚDO. Disponível em: <<http://imaginaconteudo.wordpress.com/2010>>. Acesso em: 22 set.2016.

LAZZAROTTO, Danilo. **História do Rio Grande do Sul**. 4.ed. Porto Alegre: Sulina, 1982.

MARQUES, Antero. **Assis Brasil e a Evolução Nacional**. Autos de um processo de distorção sociológica, histórica e política, compilação, documentário e estudo. Santa Maria: Pallotti, 1983.

MEIRELLES, D. CALAZANS, M. **H₂O para celulose x água para todas línguas**. Vitória: FASE, 2006.

MOREIRA, Regina da Luz. **Borges de Medeiros**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 30 set.2016.

PIMENTEL, Fortunato. **Joaquim Francisco de Assis Brasil**, Emérito Agricultor. Porto Alegre: Gráfica Santa Teresinha, 1950.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria Estadual da Agricultura. **Expointer**. Disponível em: <www.expointer.rs.gov.br/historia>. Acesso em: 22 set. 2016.

_____. **Aves**. Disponível em: <www.agricultura.gov.br/animais/especies/aves>. Acesso em: 20 set.2016.

SILVA, Isabel Pimentel da. **Julio de Castilhos**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 30 set.2016.

SCHNEIDER, Sérgio, **A pluriatividade na agricultura familiar**. 2.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

STÉDILE, João Pedro (Org.) GORENDER, Jacob [et al]. **A questão agrária na década de 90**. 4.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

URBIM, Carlos (Coord.). **Rio Grande do Sul: um século de história**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.